

Maior presença junto do aluno e maior abertura à comunidade

Independentemente desta nova orientação, o balanço do que foi conseguido até aqui é claramente positivo. De acordo com as palavras iniciais de Carlos Avilez, trata-se de uma escola que “é resultado da coesão de toda uma equipa, com uma direção unida, grandes colaboradores, grandes professores e um conjunto de alunos maravilhoso”. Continuando, o histórico encenador e fundador da EPTC sublinha, ainda assim, que “todos os anos a escola tem que se analisar, ver o que faz melhor, eliminar coisas que estejam erradas e procurar novas soluções”.

O ano letivo de 2016/2017 será um ano paradigmático neste aspeto e Ana Clara Justino, diretora pedagógica, esclareceu-nos sobre quais vão ser então essas novas soluções. Quanto à pedagogia praticada no espaço da escola, fala-nos da introdução de “um sistema de tutoria, que compense os casos em que os alunos chegam aqui com fragilidades ao nível das disciplinas base, como o português e o inglês”. Conforme nos

explica, “o Ensino Profissional funciona de forma diferente do ensino regular, nomeadamente pela questão do sistema modular, que implica que os alunos tenham que fazer todos os módulos não podendo concluir o curso sem que os façam, sendo permitido, no entanto, que tenham avaliação negativa num módulo e que avancem para o seguinte. A matéria não avaliada ou avaliada negativamente vai ter de ser concluída positivamente. O que acontece é que, para alunos que chegam à nossa escola com frágeis aprendizagens de 3º ciclo, têm mais dificuldade em fazer a recuperação de módulos”. O objetivo é, precisamente, responder a estas dificuldades: “Vamos procurar alterar um certo paradigma que tem sido o avanço de ano com módulos chumbados no anterior. Se os alunos demonstram fragilidades, são encaminhados para esse sistema de tutoria, que tem como objetivo complementar as aprendizagens que deveriam ter acontecido até ao 9º ano e ajudar esses alunos a cumprir

com plenitude o nosso plano modular. Isto vai significar um trabalho acrescido para o aluno, ao mesmo tempo que vai implicar que os nossos professores tenham mais disponibilidade e uma maior possibilidade de resposta a estes alunos fora do contexto de sala de aula. No fundo, vamos permitir que o aluno tenha na escola, e não fora dela, uma resposta à sua formação académica essencial”.

O segundo esforço é direcionado para o exterior. Ana Clara Justino diz-nos que a EPTC “é uma escola muito centrípeta e, portanto, a grande questão que se colocou internamente foi que, de facto, não estamos a responder à comunidade. O que também não significa que estejamos fechados, simplesmente não estamos organizados nesse sentido. Temos a noção de que, enquanto escola, temos também um papel na sociedade e o imperativo moral de dar resposta ao que ela nos dá. Infelizmente, não temos conseguido responder aos muitos pedidos que nos têm feito, mas esta-

Para a Escola Profissional de Teatro de Cascais (EPTC), o último ano foi um período de intensa reflexão sobre como fazer desta uma escola ainda melhor. Um esforço do qual resultaram conclusões perfeitamente nítidas e das quais surgem agora as grandes apostas da EPTC para o ano letivo que aí vem.

mos a organizar-nos de modo a que isso seja possível. Já temos um plano de trabalho e, este ano, vamos desenvolver algumas atividades de alunos e professores que permitam envolver a nossa comunidade mais próxima”.

Um ensino exigente

Para Carlos Avilez, “quando a escola admite alunos, é uma responsabilidade que a escola assume e tem que responder por eles. Tem que ter essa noção e, já que é uma escola pequena, com cerca de 150 alunos, tem que fazer um acompanhamento individual de todos eles”. Acompanhar numa perspectiva que é também de exigência, característica que o professor e encenador considera ser “uma obrigação” sua.

Ana Clara Justino acompanha estas palavras, realçando que “é, de facto, um ensino exigente”. Como explica, com 8 horas por dia, durante 3 anos, a experiência destes estudantes evolui da seguinte forma: “No primeiro ano, os alunos realizam muitos trabalhos indivi-

duais e são lecionados autores portugueses, como Gil Vicente ou António José da Silva. Se nesta fase não conseguirem ficar já com uma certa segurança, tudo vai falhar. No segundo, trabalham, entre outros autores, Shakespeare obrigatoriamente. Por fim, o terceiro ano divide-se entre tragédia grega e os autores contemporâneos. É uma altura em que os alunos já têm que levar a humanidade toda com eles, quer seja na História, no Português, na Dramaturgia... Estes textos contemporâneos são muito mais densos e complexos, abordando emoções e fragilidades humanas que são também elas complexas e, naturalmente, não podemos colocar o aluno a trabalhar um texto sobre a sexualidade, sobre a violência ou sobre o absurdo se ele não souber lidar com essas questões. Isto significa que o 2º ano acaba por ser o momento em que eles são preparados para a verdadeira dimensão da profissão, sendo onde nós, geralmente, temos maior leitura sobre o sucesso ou insucesso do percurso do aluno”.



A maturidade que esta aprendizagem lhes traz é algo que a diretora pedagógica faz questão de destacar. “Quando fazem o Hamlet, estamos a ver ali todos os dilemas da humanidade e ficamos a pensar sobre onde é que estes miúdos, com 16 anos, já estão a chegar. É um trabalho em que eles têm que ir ao fundo da palavra, ao fundo do texto e têm que perceber o que é que o autor quis dizer com aquela palavra, com aquele gesto, com aquele silêncio e com aquele compasso de espera. Não estamos a falar em decorar o texto, mas sim em pegar no texto e analisá-lo palavra a palavra”, elucida.

Esta evolução não é apenas uma questão de desenvolvimento intelectual ou cultural mas também de crescimento pessoal do jovem, pressupondo um maior domínio sobre as suas emoções e as suas vivências. Sobre isto, Ana Clara Justino diz-nos que, “para trabalharem sobre todas as emoções do mundo, estes alunos têm que se conhecer muito bem a si próprios. Tudo o que estiver dentro da cabeça de um adolescente com este trabalho sai, no sentido em que se expressa. O jovem coloca cá fora todos os seus medos e tudo aquilo que ainda não foi dito”. No fundo, esta auto-reflexão torna-se um requisito da representação, dado que é preciso “força para enfrentar a personagem que representa, na grande maioria das vezes, alguém que em nada se relaciona com o aluno e que



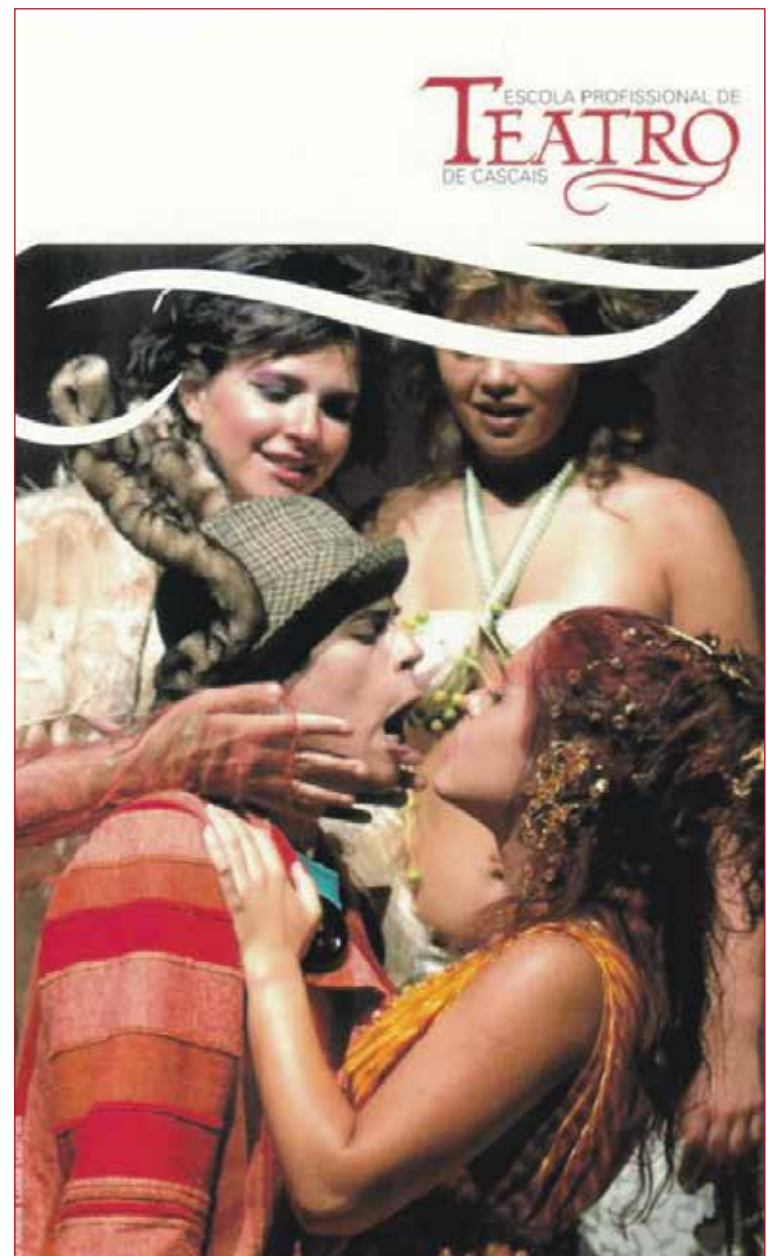
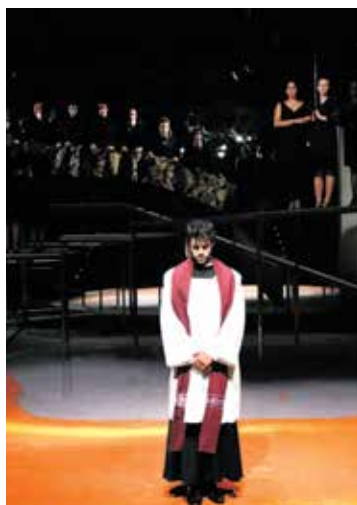
este não pode deixar que se confunda consigo mesmo. E essa força é trabalhada com o aluno na própria aula de interpretação”.

Um mercado favorável

Mesmo com toda esta exigência, há um sentimento de felicidade perante a forma como os alunos têm correspondido. “Temos tido muita sorte e o trabalho que temos feito com eles tem sido muito compensador. São miúdos que conseguem fazer coisas fantásticas. São capazes de apresentar autores completamente diferentes, orientados por professores que desenvolvem abordagens diferentes do trabalho de ator, com semanas de diferença, e fazem-no bem, com competência, assegurando assim que se possa continuar com este modelo de muito trabalho e muita responsabilidade”, indica. Independentemente das diferenças entre estes

estudantes e dos percursos que vão desenvolver no futuro, há uma perfeita convicção de que “nenhum deles sai daqui sem ter aprendido alguma coisa”. Estamos a falar de um curso que, sendo profissional, assegura que os alunos possam continuar a vertente académica, obrigando assim a que, tanto as matérias práticas como as teóricas, tenham o mesmo peso no cômputo final da avaliação do aluno.

Por fim, questionada sobre como é que o mercado tem recompensado os esforços destes jovens, nota que “o mercado de trabalho para a representação em si não é mau, havendo depois do curso de interpretação da EPTC mil e uma alternativas que eles poderão conseguir fazer a seguir. O emprego está a crescer nesta área, com a produção nacional a permitir o emprego de muitos destes miúdos, ainda que com as dificuldades inerentes à profissão”.



DESCOBRIR A TUA VOCAÇÃO!

CURSOS DE ARTES DO ESPETÁCULO

INTERPRETAÇÃO
CENOGRAFIA, FIGURINOS E ADEREÇOS
LUZ, SOM E EFEITOS CÉNICOS

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Telefone: 21 464 61 50

E.mail: escoladeteatro@eptc.pt

Rua de Damão Bairro da Alegria, Amoreira
2645-191 Alcabideche